

Um ensaio fotográfico afetivo: do andar pela cidade à produção de cianotípias¹

Ana Rita Vidica²

Anna Stella Francisco do Nascimento³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O texto “Um ensaio fotográfico afetivo: do andar pela cidade à produção de cianotípias” apresenta a produção de uma narrativa visual a partir do registro fotográfico do centro da cidade de Goiânia pelo viés da cartografia sentimental, método proposto por Suely Rolnik. Posteriormente, faz-se a transformação destas imagens pela técnica de impressão desenvolvida no século XIX, a cianotipia. O texto traz, metodologicamente, uma reflexão teórica sobre a fotografia de rua e a cianotipia e apresentação do processo de produção, tanto do registro quanto da aplicação da técnica do cianótipo, a partir de três fotografias da narrativa visual. Conclui-se que é possível estabelecer uma relação entre fotografia de rua e cianotipia que, ganhará outros contornos com a colocação destas fotografias nas ruas da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa visual; fotografia de rua; cianotipia.

1 INTRODUÇÃO

O texto “Um ensaio fotográfico afetivo: do andar pela cidade à produção de cianotípias⁴” traz reflexões sobre o processo de construção de uma narrativa visual utilizando-se conceitos de cartografia sentimental (ROLNIK, 2016) e fotografia de rua (GIBSON, 2016).

Partindo de uma conceituação simples baseada em GIBSON, 2016 a fotografia de rua corresponde aos registros de quaisquer espaços públicos, e, em geral, ao se pensar neste conceito, é comum associa-lo automaticamente aos espaços urbanos, entretanto, a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT 013 – Imagens e Narrativas), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Docente do Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da FIC-UFG, email: ana_rita_vidica@ufg.br.

³ Discente de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da FIC-UFG, email: annastella@discente.ufg.br.

⁴ A produção deste texto faz parte do Plano de Trabalho “Fotografia de rua na rua: reflexões sobre o fotografar e o intervir”, do edital de Iniciação Científica (2024—2025), associado à pesquisa “A imagem como dispositivo midiático: produções e mediações culturais” da docente Ana Rita Vidica.

fotografia de rua não se limita ao urbano, e apesar disso, o presente trabalho fará um recorte do centro da cidade Goiânia.

A fotografia de rua corresponde a registros que se fazem únicos, partindo do fato de que não é possível reproduzi-los, logo, trata de um momento específico. As imagens são ricas em valores temporais e pessoais, o que as tornam dotadas de sentido. Assim, a composição, a iluminação e o enquadramento, são exemplos de características que revelam a intenção do fotógrafo, e que também faz parte da construção de sentido da fotografia.

Nas ruas, a fotografia revela os espaços urbanos a medida que abre o olhar do outro, se tornando também uma mediadora de relações que se dão nas ruas, desse modo, ela deixa de ser um espaço de passagem e passa para um espaço em que a cultura acontece. A pergunta que guia o texto é a seguinte: Como o registro das ruas do centro de Goiânia e a materialização das fotografias pela cianotipia propicia a construção de uma narrativa visual afetiva?

2 METODOLOGIA

O presente artigo possui uma abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, discutindo teoricamente a fotografia de rua, e a cianotipia. Para isto, faz-se necessário utilizar o método de pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2017) com a pesquisa em livros e artigos das seguintes temáticas: fotografia de rua (estudo sobre o gênero e fotógrafos que fazem uso dela como Robert Frank, Sérgio Larrain, Tuca Vieira, Carlos Eduardo, Vivian Meier e outros); e a cianotipia, baseando-se no trabalho de Gabriel Guimarães Garcia. Além da pesquisa bibliográfica, pretende-se utilizar o método da cartografia sentimental proposta por Rolnik (2017) para mapear lugares afetivos no centro de Goiânia para serem fotografados. Após realizadas as fotografias, foram impressos a partir da técnica da cianotipia. Apresenta-se, neste texto, três fotografias da narrativa visual que, ao total, é constituída de 30 fotografias.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De um modo simplório, podemos ver a fotografia de rua como os registros de qualquer espaço público. Geralmente, ao se pensar nessa temática, associamos aos registros de espaços urbanos, entretanto, a fotografia de rua não se limita apenas às cidades.

Ao pensar no que define a fotografia como “de rua”, pode-se determinar alguns pontos. A fotografia capta momentos únicos com cliques que não podem ser reproduzidos, o que a faz única, e capaz de registrar momentos específicos de um cotidiano complexo em que os seres humanos estão inseridos. A autenticidade demonstra a sensibilidade da fotografia de rua, de modo que diversos fotógrafos de rua defendem que ela deve ser espontânea. Compor a fotografia a partir de pequenas provocações é válido, porém, alterações bruscas tornam a fotografia ensaiada, o que destrói a sua essência. Gibson (2016) apresenta duas situações para defender seu ponto de vista:

Há alguns anos eu perambulava pelas ruas de Londres com o colega fotógrafo Matt Stuart, quando vimos uma placa de obras rodoviárias em que se lia “Perigo extremo”. Em um momento despreocupado, pedi a Matt que colocasse a cabeça atrás do sinal de modo que apenas as pernas ficassem visíveis. É uma fotografia engraçada, mas quase nunca a exponho, pois ela foi encenada. (GIBSON, 2016, p. 14).

Também há a possibilidade de se acrescentar algo a uma cena, ou simplesmente corrigi-la. Um fotógrafo, uma vez, me falou de sua fascinação por um cartaz que tinha dois pombos. Havia ali por perto alguns pombos, então ele jogou um pouco de pão logo abaixo do cartaz e recuou discretamente. Dois pombos, um preto e outro branco, em perfeita harmonia com o cartaz, compuseram a cena. (GIBSON, 2016, p. 15).

No primeiro trecho, Gibson cita uma fotografia que quase não expõe por não considerar como “de rua”, pois foi encenada, logo que ele alterou a composição da imagem quando acrescentou uma pessoa em um lugar específico para obter a imagem que pensou por si próprio. No segundo trecho, o autor exemplifica uma situação em que a imagem foi complementada ao provocar os pombos com um pouco de pão, desse modo, um pombo preto e um branco compuseram a imagem de uma forma espontânea e harmônica. Essas duas situações demonstram como a encenação ceifa o conceito da fotografia de rua, que se destaca sendo autêntica, e demonstrando uma situação cotidiana real, sensibilizando os espaços urbanos.

Com as transformações sociais dos últimos séculos, os espaços urbanos se transformam em palcos para a mobilidade urbana, e neste contexto, é possível pensar a fotografia como mediadora de relações. Assumindo esse papel de mediação, a fotografia possui a

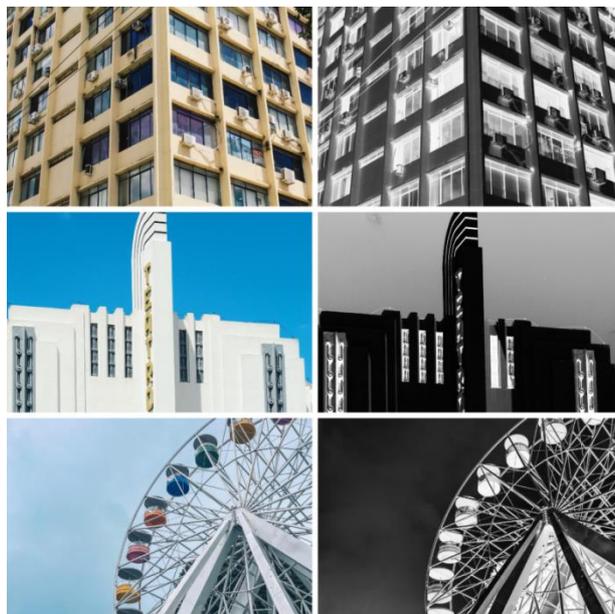
capacidade de sensibilizar o olhar do outro, deixando de ser um espaço de passagem, para se transformar em um espaço onde a cultura acontece.

3 AS IMAGENS E A CIANOTIPIA

Suely Rolnik em “Cartografia Sentimental” trata de como acompanhar as intensidades dos movimentos desenhando o visível. Pensando nisto, as imagens do trabalho foram inspiradas no conceito de Rolnik (2016) a medida que recupera o sensível e traça momentos ligados à infância e os associa à fotografia de rua. As andanças por espaço urbano no estilo flâneur, associadas ao conceito de cartografia sentimental permitiram registros de centro de Goiânia que retomam aos sentimentos associados a lugares que remetem a infância de uma das autoras deste trabalho, a discente Anna Stella Nascimento, como o Mutirama e a região da Praça Cívica.

A cianotipia é uma técnica de impressão fotográfica do século XIX que é pautada por ser efêmera, já que um novo contato com a luz a torna mais opaca. Para realizar a cianotipia, as imagens tiradas devem ser transformadas em negativos digitais, que foram feitos a partir do photoshop, e impressos em transparências, como os exemplos abaixo (Figura 1).

Figura 1: Imagens originais e imagens em negativo



Fonte: Do autor

Para criar os cianótipos, foi necessária uma mistura entre o citrato férrico amoniacal e o ferricianeto de potássio, aplicados em um papel de gramatura 300. Após a secagem deste papel em ambiente escuro, foi necessário colocar sob ele a transparência que continha a imagem em negativo, e acima um vidro e grampos, para prensar a imagem. E por fim, as imagens foram expostas ao sol por aproximadamente 15 minutos, para que a reação ocorresse (Figura 2).

Figura 2: Imagens em exposição ao sol



Fonte: Do autor

Após essa etapa, as imagens foram lavadas em água corrente e depois deixadas em água parada para ficarem mais nítidas. Algumas imagens ficaram menos nítidas que outras, o que pode acontecer por diversos fatores, como o tempo de exposição solar, a intensidade do sol, e o tempo de contato com a água. Esses fatores demonstram a efemeridade e a sensibilidade da cianotipia.

Figura 3: Casinhas - Centro



Fonte: Do autor

Figura 4: Teatro - Centro



Fonte: Do autor

Figura 5: Roda - Mutirama



Fonte: Do autor

Na figura 3, vemos três imagens que compõem a narrativa visual, a partir do registros de espaços que remetem à infância, remetendo a uma cartografia sentimental do centro

de Goiânia Os prédios representam o interesse em observar tudo aquilo que estava acima do campo de visão. O ato de olhar para cima poderá ser observado em diversas imagens que irão compor a narrativa visual. A Figura 4 representa um local frequentado para assistir apresentações de teatro com a família, e em evento da escola. Na figura 5, registrou-se a roda gigante do Mutirama porque é um local que fez parte da infância da discente, que frequentou por anos com sua família, atividade que gerou diversas memórias afetivas que serviram como inspiração para este trabalho.

As imagens anexadas correspondem à materialização das técnicas fotográficas estudadas, do andar pelo espaço ao passo do flâneur e da cartografia sentimental para o registro fotográfico e posterior uso da cianotipia, cuja cor azulada remete a um tempo passado e as lembranças afetivas que ressurgem no contato com a cidade pela fotografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente trabalho, é possível concluir que a fotografia de rua assume um caráter de registrar os espaços urbanos de modo autêntico, com um caráter revelador e de mediadora cultural. Além disso, é possível perceber como a cartografia sentimental e a cianotipia influenciaram a criação de algumas das imagens que irão compor a intervenção urbana que será a última etapa da pesquisa.

Concluimos que a construção da narrativa visual tem a potência de congregar a fotografia de rua com a cartografia sentimental que se dá no ato fotográfico e no uso da técnica da cianotipia. E, com a continuidade da pesquisa, com a realização da intervenção urbana, será possível verificar como essas imagens dialogam com a cidade e com o olhar do outro.

REFERÊNCIAS

- GIBSON, David. **Manual do fotógrafo de rua**. São Paulo : Gustavo Gilli, 2016.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre : Ed. UFRGS, 2016.
- PEL, Pelópidas Cypriano; ZANI, Ricardo. Artemídia envolvente: a cianotipia em suas implicações técnicas e funções poéticas. In: **Revista Visualidades**, Goiânia, V/15, n.1, p.11-28, jan-jun/2017.
- STUMPT, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Jorge Duarte, Antônio Barros (org). São Paulo : Atlas, 2017.
- GARCIA, Gabriel. **Cianotipia: Uma saída alternativa para a fotografia digital**. Trabalho de conclusão de curso – Centro Paula Souza, Escola Técnica de Artes. São Paulo, 2017.